

## MEMÓRIA TRAUMÁTICA DO RACISMO EM “REVELAÇÕES DE CENAS DO COTIDIANO”

### *TRAUMATIC MEMORY OF RACISM IN “REVELATIONS OF EVERYDAY SCENES”*

Elizane Souza dos Santos Henriques (UESC)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Averiguamos a representação da memória traumática na literatura afro-brasileira e afrofeminista contemporânea, tomando-se por exemplar a narrativa “Revelações de cenas do cotidiano”, que integra a coletânea *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019), autoria de vinte e quatro escritoras negras. A crônica escolhida evidencia a constituição do sujeito a partir da percepção interna das experiências do cotidiano, especificamente, no contexto de uma protagonista mulher e negra, que desde a infância lida com a opressão do racismo. Para alicerçar esta análise, recorreremos aos entrelaçamentos da ficção literária com a história e a memória (LE GOFF, 1924; SELIGMANN-SILVA, 2008 e PEREIRA, 2014); às especificidades do gênero crônica (CANDIDO, 2003) e aos pressupostos teórico-críticos pós-coloniais, decoloniais e feministas, em exposições de: Mbembe (2001); Maldonado-Torres (2018); Almeida (2018) e Grada Kilomba (2019). Como resultado, identificamos que a crônica denuncia o racismo como cotidiano e gerador da memória traumática, enclava na vida da protagonista, e desvelada em efeitos-sintomas de violência (os estigmas pejorativos e a auto aversão). A narrativa analisada evoca o direito de narrar ao outro e a si mesmo o trauma, dando testemunho do infortúnio vivido. Portanto, abre espaço para o protagonismo negro, ressalta a resistência das memórias subalternizadas, e a relevância da produção literária afro-brasileira e afrofeminista em seu lugar de memória (PEREIRA, 2014). Trata-se, assim, de reconhecer algumas das principais questões refratadas na escrita de autoria feminina negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória traumática; mulher negra; literatura afrofeminista; racismo; crônicas negras.

**ABSTRACT:** In this work, we verify the representation of traumatic memory in the Afro-Brazilian and contemporary Afro-feminist literature, taking as an exemplary the narrative “Revelações de cenas do cotidiano”, which is part of the collection *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019), by twenty and four black writers. The chronicle chosen highlights the constitution of the subject from the internal perception of everyday experiences, specifically, in the context of a woman and black protagonist, who since the childhood deals with the oppression of racism. To support this analysis, we resorted to the intertwining of literary fiction with history and memory (LE GOFF, 1924; SELIGMANN-SILVA, 2008 and PEREIRA, 2014); to the specificities of the chronic genre (CANDIDO, 2003) and postcolonial, decolonial and feminist theoretical-critical assumptions, in exhibitions Mbembe (2001); Maldonado-Torres (2018); Almeida (2018) and Grada Kilomba (2019). As a result, we identify that the chronicle denounces racism as a daily life and generator of traumatic memory, enlarged in the protagonist's life, and unveiled in saint-sinthomas of violence (pejorative stigmas and self-aversion). The narrative analyzed evokes the right to narrate to the other and the trauma, giving witness to the misfortune lived. Therefore, it makes room for black protagonism, emphasizes the resistance of subalternized memories, and the relevance of Afro-Brazilian and

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC- Ilhéu/Ba). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (GP-Afro/CNPq/UESC). Redatora e editora do site Enunciados contemporâneos: Inquietações sobre o mundo pós-moderno (desde 2010). E-mail: [santoselizane74@gmail.com](mailto:santoselizane74@gmail.com) <http://lattes.cnpq.br/7489025825258100>

Afro-feminist literary production instead of memory (PEREIRA, 2014). Thus, it is about recognizing some of the main questions refracted in the writing of black female authorship.

**KEYWORDS:** Traumatic memory; black woman; Afrofeminist literature; racismo; chronic black.

## INTRODUÇÃO

Averiguamos, neste trabalho, a representação da memória traumática (individual e coletiva) na literatura afro-brasileira contemporânea<sup>2</sup>, especialmente na configuração da lembrança traumática, tomando-se por exemplar a narrativa “Revelações de cenas do cotidiano”, que integra a coletânea *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019), autoria de vinte e quatro escritoras negras. Para tanto, a partir de pesquisa bibliográfica e analítica, organizamos este estudo em quatro partes: na primeira, contextualizamos algumas similaridades e contrastes entre memória, história e ficção; na sequência, fazemos a apresentação da literatura afro-brasileira e afrofeminista, bem como, conjecturamos algumas especificidades do gênero crônica; em um terceiro momento, realizamos a apresentação geral da obra e da biografia sumária da autora da narrativa escolhida; por fim, na última parte, desenvolvemos a análise da crônica selecionada.

Destarte, esperamos contribuir para a valorização de vozes e saberes produzidos por pessoas historicamente discriminadas, acentuando a prática contra-hegemônica desde a via crítico-política à literária. Exemplar é a obra *Negras Crônicas* que protagoniza múltiplas personalidades afetadas pelo racismo (desde crianças, mulheres e homens), pela violência do patriarcado (especificamente por tematizar o feminicídio) e pelos padrões estéticos da branquidade<sup>3</sup>. Além disso, a auto aversão e a solidão da mulher negra, retratadas na obra, são marcas notórias da subjugação racial. Acreditamos que o estudo dessa produção literária é uma das estratégias pertinentes para legitimá-la, contribuindo com o arcabouço teórico já existente, pois, segundo Duarte (2008), a literatura afro-brasileira está consolidada, no que se refere a sua teorização e conceituação.

---

<sup>2</sup> Nesta análise, para fins de delimitação teórica, utilizamos a definição apresentada por Duarte (2008).

<sup>3</sup> Este termo tem sido utilizado em várias pesquisas contemporâneas, em contraponto às categorias de branquitude e branquidade. Pretende-se, aqui evocá-lo no sentido destacado em *A metamorfose de Cirilo: relações raciais e branquidade normativa na telenovela infantil carrossel*, por Ramos (2015, p. 57): “é uma categoria relacional e se estabelece como produto da história. Mas como outras localizações raciais [...] [seus] significados trazem complexas camadas e variam tanto localmente quanto entre os locais”.

## 1 MODOS DE VER E NARRAR A VIDA: FICÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1924, p. 411).

A discussão aqui pretendida evoca as relações entre Literatura, Memória e História, pontuando-se alguns de seus desdobramentos, a começar por constatar que esses três campos, se distam e se entrecruzam em vários aspectos. Os dois primeiros se acrisolam pela arbitrariedade da linguagem e pelo anacronismo, longe do compromisso com as fontes que fica a cargo da história. Em outra direção, se afastam, por exemplo, pela facilidade de a literatura referir-se ao futuro, sendo a memória impossibilitada de tomá-lo como eixo organizador. Inegavelmente, conforme as contribuições de Le Goff (1924), a seriedade da memória é revelada não somente pela reconstrução do passado, mas também por “servir [ao] presente e [ao] futuro” (p. 411), entrelaçando essa tripla dimensão temporal.

Enquanto a literatura diferencia-se da história nas questões metodológicas e nos recursos para narrar a vida, aproxima-se da memória, pois, no processo da criação artística – e da rememoração, a experiência individual (ou grupal) pode ser recontada ou transmutada, e, assim, dá-se a conhecer. Por sua vez, a memória, para além de um “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1924, p. 366) também traz à tona o jogo das relações de poder, que determina o que deve ser lembrado ou silenciado. Nessa contenda, vários grupos sociais são invadidos em seu direito de narrar e de ter a escuta ativa de suas memórias.

Destaca-se que, memória e literatura, permeiam a ordem do simbólico, especialmente a ficção - como expressão artística de ressignificação e transmutação das temporalidades, igualmente, conforme assevera Pereira (2014), na sua função ‘lugar de memória’, dado que:

[...] em sua liberdade ficcional e polissemia [*o texto literário*] aceita as contradições e os paradoxos, e busca a brecha da transgressão: ele procura assumir-se como uma trapaça salutar, como anunciou Barthes. A literatura, em seus processos simbólicos, pode instaurar, no imaginário, modos alternativos de percepção, como *produtora de imagens significativas para um grupo* e, conseqüentemente, *para os sujeitos* [...] (p. 347 – grifos nossos).

Torna-se profícuo pontuar a importância dessa produção de imagens na construção da memória individual e coletiva, visto que as ligações entre literatura e memória “apresentam-se

como potência de leitura das formas diversas de ver e de enfrentar a realidade” (PEREIRA, 2014, p. 344). De tal maneira, além de perpassar o ato criativo, a memória pode ser um dos recursos utilizados no texto literário para intensificar o acontecimento narrado.

Na compreensão de que a memória é nutrida pela história, não por acaso esta última localiza-se na escrita ficcional, conforme sinaliza Ricoeur (1997), por meio de traços do real, estes podem ser o fundamento para a construção narrativa, evidenciando os vestígios/rastros que tornam presente algo do passado. A noção de rastro completa seu sentido no encontro com a imaginação. Denota-se que o vestígio é constitutivo e conector de um tempo passado com um presente, demarca, pois, a passagem no tempo e no espaço.

Nessa feita, história, memória e ficção literária entrecruzam-se no ofício de narrar a vida, cada uma a seu modo. Em *Negras Crônicas*, configura-se esse enlace, cujas narrativas abarcam o vivido, o imaginário e o simbólico, apresentando elementos emblemáticos como sonhos, lembranças traumáticas e traços historiográficos que atravessam o cotidiano das personagens negras da obra.

## **2 A RESISTÊNCIA DE UM “GÊNERO MENOR” NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Em *A literatura afro-brasileira e o conto* (2020)<sup>4</sup>, reunimos subsídios consideráveis sobre a historiografia literária afro-brasileira, sobretudo, destacando a sua dinâmica de resistência e a acuidade da narrativa curta para o fomento dessa produção literária, que faz parte da literatura brasileira. De forma análoga, para abordar o gênero literário em estudo, neste artigo, tomamos como ponto de partida a tessitura do que se convencionou denominar de crônica no âmbito da literatura brasileira, considerando seu percurso histórico e de desenvolvimento, nos termos de Candido (2003):

[A crônica] não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande [...]. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. *Antes de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias.* Assim eram os da secção ‘Ao correr da pena’, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem

---

<sup>4</sup> Sessão de dissertação, a referência completa será dada na versão final (de publicação) deste artigo, visto que se trata de texto da mesma autoria que este artigo, em avaliação. Assim, na citação em destaque e demais citações, incluímos a expressão “XXXX” para não revelar o nome da autoria.

dar muita importância. *Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.* (p. 90 – grifos nossos).

Demarcado o seu início e algumas de suas particularidades, é indispensável pontuar que se trata de um gênero de escrita majoritariamente branca e dominado por homens no cânone literário brasileiro. Distintamente, neste artigo confirmamos a presença de escritoras negras, acrescentando-as ao viés de resistência dessa produção severamente silenciada, mas que “se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo” (DUARTE, 2008, p. 259). Inúmeros foram/são os atos que possibilitam a afirmação crescente dessa literatura, como pontuamos em relação à relevância das leis na tarefa de projetar, no ensino, a valorização dessas narrativas e de seus autores(as):

Diante da aprovação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e tornou obrigatório o ensino da *História e da Cultura Afro-Brasileira em todos os currículos escolares, no Brasil*, [...]. Assim, *na literatura brasileira tem surgido, antes mesmo da aprovação das Leis mencionadas, propostas direcionadas às realidades histórico-sociais e políticas da população negra e afrodescendente* que, com o respaldo legal, ganharam amplitude. (XXXX, 2020, p. 27 – grifos nossos).

Essas realidades histórico-sociais e políticas estão no cerne da ficção denominada por Duarte (2008) de afro-brasileira. Conforme o autor, delineia-se uma ficção que expressa, desde as primeiras narrativas, o enfrentamento da situação colonial, especificamente realizada por intelectuais negros/os e afrodescendentes com vistas à história destes grupos; além disso, utiliza-se de recursos linguísticos e estéticos que aludem à história, à cultura e à resistência negra. Essa etnicidade contextualizada revela-se através da configuração dos cinco elementos que caracterizam essa produção: a temática; a autoria; o ponto de vista; o público-alvo e a linguagem, que, considerados em conjunto, valorizam o sujeito negro e afro-brasileiro, bem como a sua ancestralidade.

Ademais, essa vertente literária também refrata a memória da população que lhe cinge, ascende-se o espaço para personagens, escritores/as e leitores/as negros/as, sendo “[a escrita] uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 47), desempenhada pela modernidade. Coaduna-se à virada nas relações de poder, ou pelo menos, uma inclinação decolonial que valoriza a perspectiva “dos pequenos grupos, das relações familiares e comunitárias, de comportamentos desviantes, das minorias marginalizadas e, ao mesmo tempo, da conduta do ‘homem comum’”. (RIOS, 2013, p. 14).

Nesse paralelo, a crônica afro-brasileira também abarca elementos que lhe são fundamentais, tais como: a oralidade, o humor, a crítica social e o hibridismo do gênero, dentre outros. Contemporaneamente, saindo de um contexto ultrapassado, em que foi classificado como “menor” ante os demais, Candido (2003) destaca a potencialidade desse formato narrativo, revelando que a crônica “[...] *pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza e uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia [...] - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.* (CANDIDO, 2003, p. 90 – grifo nosso).

A partir disso, revela-se a infinidade de possibilidades simbólicas que o gênero pode suceder. Por outro lado, na seara afro-brasileira, sendo que o foco narrativo recai na representação das experiências dos grupos que são tema dessa produção, muitas vezes, narrar o vivido não é factual pela via do humor, dada a situação de discriminação e violências infligidas a esses grupos, sobretudo, pelo sistema racial brasileiro. As narrativas criadas por mulheres negras, chamadas por XXXX (2020) de *escrita afrofeminista*<sup>5</sup> se destacam pelo aspecto de denunciar as várias violências sofridas por uma amplitude de vozes negras. Afinal, quais narrativas enfocam o cotidiano de uma mãe preta, de uma catadora, de uma criança negra crescendo na periferia, de uma adolescente negra tentando ser parte de um grupo? E de um casal inter-racial munindo-se de estratégias para proteger sua cria? Ou ainda, a mulher negra cansada de viver na exclusão, na solidão, e em dororidade<sup>6</sup>? Quais escritas reconhecem e acolhem essas dores? São perguntas que nos guiam até a escrita de mulheres negras.

De tal modo, é especificidade da crônica afro-brasileira contemporânea denunciar várias formas de opressão direcionadas aos grupos étnicos citados, principalmente, os efeitos do racismo, a intolerância religiosa, o encarceramento em massa de pessoas pretas, o genocídio do povo negro, e como tais violências atravessam a memória das vidas em desvalorização. Por consequência, os traços do real se configuram em nebulosa, na qual o presente está embrulhado em um passado que não se encerrou, e as relações entre memória, identidade e resistência se interconectam. Ressaltar a legitimidade dessa produção é conferir poder àqueles que narram e dar voz àqueles que são representados.

Em outra direção, cabe destacar que não só as dores são representadas na crônica afro-brasileira: a construção de personagens complexas e a pauta da afetividade assinalam a humanidade negra; a exaltação da negritude e da ancestralidade – como necessárias fontes de afirmação identitária contribuem para a resistência de todo um povo; e, por vezes, dada a

---

<sup>5</sup> Na sessão “Rasurando a hegemonia literária e epistêmica: a escrita afrofeminista (p. 78 a 89).

<sup>6</sup> Conceito cunhado por Piedade (2014) que expressa a dor da mulher negra em uma sociedade machista e racista, dentre outras violências.

liberdade artística do texto ficcional, a prosperidade e o contentamento – tão caros à existência de um indivíduo, podem encabeçar, embora em tom de distopia, as vivências negras, dissociando-as da subjugação.

Essa inquietação com as questões sociais se delinea na crônica e no conto afro-brasileiro, ambos, sem dilatação de páginas, evocam temáticas sensíveis ao grupo étnico em destaque. Tal como na literatura brasileira, a crônica da narrativa afro-diaspórica, aproxima-se do público “principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 2003, p. 89) criando intimidade com o leitor. Além disso, a própria existência desse formato narrativo contribui na formação de um público leitor - população negra que em sua maioria tem sido restringida do acesso ao letramento e, conseqüentemente, das narrativas em prosa de longa extensão. Assim dá-se com a obra *Negras Crônicas*, cujos aparatos gerais apresentamos a seguir.

### 3 “ESCURECENDO OS FATOS” DE UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE

A antologia *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019) foi produzida a partir de um concurso cultural, de nome homônimo, realizado pela Editora Villardo Eireli Me, em 2018. O objetivo do concurso foi “produzir uma obra literária colaborativa que reflita o sentimento das mulheres negras de acordo com os papéis que ocupam e as situações que vivenciam na sociedade em que estão inseridas, do norte ao sul do país”<sup>7</sup>.

Nessa obra, em parte de suas narrativas, história e memória figuram como elementos de base para os enredos, conforme observa-se em: “Memórias de um racismo discreto ou não tão discreto assim”, em que a protagonista, após alcançar a vida adulta, se dá conta de como a violência do racismo afetou sua trajetória - bem como dos horrores da ditadura militar, como afirma: “descobri mais tarde [...] que aquela carinha emoldurada pelos cabelos brancos era a face do terror, da morte, da tortura”. (SANTOS, 2019, p. 105).

De forma similar, entretanto, em um espaço temporal menor, em “Horror na serra fluminense” o ensejo da personagem era apagar da memória o dia vivido, após retornar de um passeio em uma fazenda de café, cuja proposta era “aproveitar o aroma do campo” (p.93), mas, pelo contrário, se depara com o amargor da escravização, especificamente pela reprodução de uma senzala:

---

<sup>7</sup> Editora VILLARDO, Rede Social. Concurso cultural *Negras Crônicas*, 2018.

[...] onde estavam presas réplicas de três homens negros confeccionadas em cera, no tamanho real. No chão de terra batida, um deles estava deitado de costas, preso pelos pés numa espécie de guilhotina; outro estava de joelhos, preso pelo pescoço e pelas mãos num aparelho semelhante; e o terceiro estava de pé, acorrentado de costas a um tronco que ia até o teto. [...]. *Fiquei paralisada frente ao horror*, com lágrimas por todo o rosto. (MENEZES, 2019, p. 94 a 95 – grifo nosso).

O horror dos tempos coloniais – na contemporaneidade reverberado pelo racismo e seus efeitos, também marca as memórias de outra protagonista, desta vez, no enredo de “Revelações de cenas do cotidiano”, na lembrança traumática: “doía-lhe o mundo inteiro como se fosse extensão de si” (LINS, 2019, p. 55), dado “o olhar do branco que inferioriza o negro” (LINS, 2019, p. 57) e construía na protagonista um sentimento de desvalor.

Ao longo da obra, alguns elementos são emblemáticos: sonhos – possibilitam um retorno simbólico ao passado, lembranças traumáticas – reconstituem a experiência do trauma, sentimentos de pavor, solidão, estado de alerta e angústia – atravessam o cotidiano das personagens negras. Na crônica “Pretinhas”, a protagonista é uma mulher negra lésbica que “volta” a infância, em um sonho, para dar resposta a uma situação de racismo; prontamente, a narrativa “104 histórias como esta”, refrata a insegurança coletiva vivida por mulheres negras ao andarem sozinhas na rua ou acessarem o metrô e o ônibus. O isolamento mistura-se as lembranças aterrorizantes em três crônicas: “Memórias de um racismo discreto ou não tão discreto assim...”, “Revelações de cenas do cotidiano” e “Horror na serra fluminense”, casos de personagens negras que rememoram, dolorosamente, eventos de desvalorização da vida.

De forma recorrente, a antologia denuncia as problemáticas do racismo a partir do ponto de vista de quem sofreu-sofre os seus efeitos, como ilustram as crônicas: “Chuva branca”, narrativa póstuma que destaca, em primeira pessoa, as lembranças de uma criança que sofria com perseguições na escola; “Carta de Recomendação”, em que o estereótipo de “não-gente” (MBEMBE, 2014)<sup>8</sup> é evidenciado, pois a mulher preta que “serve café” nunca tem indisposição para o trabalho, além de ser “muito discreta e silenciosa”; e em “Brincadeira”, na qual os estigmas pejorativos delineiam a vida da personagem: “fui tomando pavor de ir à escola, fui tomando ódio da minha pele, dos meus traços, do meu cabelo!” (MACHADO, 2019, p. 65).

Para além das denúncias, dentre as trinta crônicas da obra, várias contrapõem os estigmas pejorativos desde a formulação dos títulos das narrativas, em uma dimensão de protagonismo; são destaques: “Pretinhas”; “Poderosas”; “A menina sem cor”; “Colo de mãe negra é acalanto de luta” e “Povos da noite”. Nessa direção, a expressão da compaixão e

---

<sup>8</sup> O autor utiliza esse termo para exprimir um dos estigmas criados a partir da escravização de pessoas africanas, o que as reduzia a homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda, identificando-as como figuras do “dessemelhante” e do “excedente” (MBEMBE, 2014, p. 28).



empatia pela dor das pessoas negras, destacam nas crônicas: “Santa Preta”, “O mar e a utopia”, “Vidas passam pelas ruas” e “O peso da carne”.

### 3.1. MEMÓRIA TRAUMÁTICA DO RACISMO EM “REVELAÇÕES DE CENAS DO COTIDIANO”

Valesca de Souza Lins é escritora, psicanalista, dramaturga, pedagoga da rede pública do Rio de Janeiro - onde nasceu, no ano de 1977, e reside. Sua escrita literária revela-se marcada pela mistura de linguagem rebuscada com toques do coloquial, contempla o descritivo e metafórico. A produção emergente da escritora inclui contos, artigos e texto teatral, em trabalhos como: *Pretinho básico para o Ipiranga* (MUSP, 2017); *Patologização e medicalização da vida: tentativa de banir o incontável* - Seminário de Educação Medicalizada (UFBA, 2018); textos em *Negras Crônicas* (2019); na antologia *Parem as Máquinas com a poesia* (Off Flip, 2020) assina o poema “Sementes”, composição, “[...] inspirada nos textos de Ailton Krenak. Versa sobre estes tempos de pandemia e a relação do ser humano que, pretensamente, acha que tem domínio de si e sobre a natureza” (LINS, 2020); *Minhas conversas florescidas no Khat* (Editora Giostri, 2020) – foi seu primeiro livro de contos, utiliza-se da “filosofia kermética onde “khat” (corpo) é um templo de efervescências” (LINS, 2021), com esta obra a escritora recebeu o primeiro lugar do prêmio literário Maria Firmina. Lins também é uma das cento e oitenta autoras da obra *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras* (2021). Em 2023, a autora publicou nova obra de contos, intitulada *Rio, o Ori*<sup>9</sup>.

Em uma de suas redes sociais, a autora expressa sua postura crítica e política, no contingente de vivências negras e do processo de cura pela palavra, bem como relata o significado da escrita em sua vida: “considero escrever um projeto de saúde, pois através da escrita posso conhecer e me reconhecer, captar e imaginar a realidade. E assim viver a dignidade do erotismo e da liberdade”.<sup>10</sup> Lins faz parte de uma geração de mulheres negras intelectuais que vem se destacando no cenário brasileiro por meio de iniciativas individuais e coletivas, em consonância à resistência desse grupo historicamente marginalizado, mas, que faz uso deste lugar para revelar a potência de ser das escritoras.

Na antologia *Negras Crônicas*, Lins assina duas narrativas, quais sejam: “104 histórias como esta” – que retrata o assédio sexual sofrido por uma profissional das ciências contábeis,

---

<sup>9</sup> Neste artigo, as informações sobre a autora, desde sua formação às publicações, foram recolhidas em diversos sites, identificados ao final do artigo, nas referências bibliográficas, com o título: Sobre a autora.

<sup>10</sup> LINS, 2020. Em rede social, divulgação da obra *Negras Crônicas*, em: [https://www.instagram.com/p/B\\_XpU9xJSae/](https://www.instagram.com/p/B_XpU9xJSae/).

mulher e negra, dentro de um ônibus, enquanto se deslocava para a empresa; e “Revelações de cenas do cotidiano” – a qual analisamos detalhadamente a seguir.

Longe da ideia de que a sucessão dos dias é um espaço temporal insignificante, já no início da narrativa “Revelações de cenas do cotidiano”, evidencia-se a constituição do sujeito a partir da percepção interna das experiências do cotidiano, especificamente, no contexto de uma personagem mulher e negra, que desde a sua infância lida com as opressões da sociedade:

O dia a dia é um tempo de demasiada importância e *profunda constituição de si mesmo*. Nele se manifestam e se fomentam pensamentos, expressões e sentimentos que se juntam e se misturam para dar *significado* a este corpo real e imaginário que concebemos.

[...] A tessitura dessa trama nos amarra em *lembranças*, por vezes, inesquecíveis. À medida que se preenche o espírito com *reminiscências desajustadas*, uma espécie de estilhaçamento nos rechaça e cacos de vidro diáfanos passam a castigar nossa carne. (LINS, 2019, p. 53 – grifos nossos).

Nesse trecho, denota-se a afetação gerada no processo da memória, que, por um lado, pode conformar “lembranças inesquecíveis”, mas por outro, configura-se como vaga ou fragmentada, marcada por um “estilhaçamento”, que deixa lacunas sobre o passado, na medida em que se apresenta como “um ensaio, permeado de tentativas infinitas e incompletas” (PEREIRA, 2014, p. 350). Nesse ensaio, a lembrança exerce seu impacto ao recontar enfaticamente um evento específico, constituinte do decurso pessoal. Entretanto, para além de um evento isolado que a lembrança retoma, na amplitude da memória individual revelam-se conjunturas que a verte em coletiva, mediante a interação com o outro, conforme Rios (2013). Na narrativa de Lins, o sentido dessa coletividade se completa ao apontar que a personagem era “uma criança preta [...], atravessada por um universo branco”, evocando a memória traumática de um grupo étnico assinalado pelas problemáticas da escravização e do racismo. Trata-se ainda de observar que o trauma se constitui em “[...] uma memória de um passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69), representado na literatura como um testemunho em elaboração:

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70).

De tal forma, a crônica em análise remete aos emblemas de um conflito “sutilmente” vivenciado no cotidiano brasileiro: a convivência entre pretos e brancos, que no imaginário social figuram como opostos e distantes, na vida em conjunto, “essa distância pode ser vista como a maneira por meio da qual os grupos sociais se reconhecem a si mesmos e aos outros.”

(GOMES, 2019, p. 139). Esse reconhecimento trata-se também da identidade grupal, que, assim como a memória, é socialmente construída, pois “envolve não só experiências vividas diretamente, mas também, experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização.” (RIOS, 2013, p. 9).

Entretanto, em muitos casos de pessoas negras, a construção da memória e da identidade é violentada pelo racismo, como avulta trechos da narrativa em destaque, sobremaneira em: “ouviam vozes [...] a afirmarem que sua mãe, [...] tinha a barriga suja [...]; e nos estigmas pejorativos em: “atribuíam-lhe feiura: a cor muito preta, feições ‘embrutecidas’, cabelos de espantinho. Não era o símbolo da estética que obtém o trono nestes solos: a brancura” (LINS, 2019, p. 54). Tal atribuição - desumanizante, é a marca da discriminação, sendo que “a raça, a classe, a etnicidade e o gênero se interceptam e produzem, apesar de toda a ambivalência inerente a tais operações, efeitos de violência.” (MBEMBE, 2001, p. 23). É inegável a desvalorização da estética negra como trabalho paulatino do racismo. Para Almeida (2018), o racismo se instalou substancialmente na sociedade, e está inscrito como um componente sistêmico, e, com tal característica, tornou-se de difícil combate, pois persegue as dinâmicas sociais para além do plano individual, definindo qual grupo exerce poder sobre os demais:

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção*. [...] é parte de um processo social que ‘ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece tradição’. Nesse caso, além de medidas que coíbam o *racismo individual e institucionalmente*, torna-se imperativo refletir sobre *as mudanças profundas nas relações sociais*, [...] O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. (p. 38-39 — grifos do autor).

Essa desigualdade mantém a maioria das mulheres e homens negras/os, no Brasil, sem acesso aos direitos e oportunidades, “faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada quase que como um[a] condição ‘biológica’ de negros [...] com salários menores e condições de trabalho precárias” (ALMEIDA, 2018, p. 135). Associados a condições duvidosas de existências, de saber, de poder e de beleza, em muitos casos, as pessoas negras são impulsionadas desde a infância a desacreditarem em si. Subjugação que traz prejuízos psicossociais de conturbada reversão, uma vez que o inconsciente não pode ser reconstruído. Assim, ser negra e crescer aprendendo a se odiar, através dos olhares externos, é amplificar a sensação de ter memórias intransponíveis, conforme assevera o texto de Lins:

Continuava a crescer, trilhando seu caminho nos seus passos aturdidos com essas *memórias petrificadas que serviam de tropeço nos seus atos cotidianos*, nas suas ideias íntimas e nas suas intenções por mais simples que fossem. Uma onda perturbadora a inundava [...]. Seus ressentimentos e mágoas a endereçavam a uma

*cólera contra o mundo e até contra ela mesma.* (LINS, 2019, p. 54 a 55 - grifos nossos).

Pode-se conjecturar que, no texto em análise, as lembranças do trauma reverberam em auto aversão da protagonista, como efeito-sintoma da subjugação racial. Nessa crônica, representa-se, conforme a tríade da memória, em noções bergsonianas, a lembrança pura (depositada no inconsciente) no seu entrelaçamento com a lembrança-imagem. A dinâmica da memória, nesse caso, não se desvela na ordem do prazer recordativo, mas sim de uma “memoração dolorida” (p. 55) e conturbada, em contraponto ao desejo de pertencimento a um grupo que lhe reconheça como parte, que aceite sua existência e reverta a “autoimagem alienada que detinha de si” (p. 55).

Na conformação da protagonista, a memória traumática é decorrente de uma sucessão de eventos reiterados, desumanizantes e não isolados, tal qual o racismo cotidiano que se revela em episódios, conforme assevera Kilomba (2019) sobre a violência do racismo:

[...] *o trauma é caracterizado por um evento violento na vida do sujeito “definido por sua intensidade, pela incapacidade do sujeito de responder adequadamente a ele e pelos efeitos perturbadores e duradouros que ele traz à organização psíquica”* (Laplanche e Pontalis, 1988, p. 465). *A escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento, evento para o qual a cultura não fornece equivalentes simbólicos e aos quais o sujeito é incapaz de responder adequadamente [...]* (KILOMBA, 2019, p. 215 - grifos nossos).

Por essa via, identifica-se o racismo como perturbador e cotidiano, um “padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial” (KILOMBA, 2019 p. 216). Para a autora a abordagem do racismo enquanto trauma ainda é minimamente discutida, no âmbito geral. Ainda que poucos, no Brasil, nomes como Neusa Santos Souza e Virgínia Leone Bicudo são expoentes. Além disso, é possível encontrar estudos isolados sobre algumas patologias que possivelmente são geradas em contextos de subjugação racial. Guiomar (2015)<sup>11</sup> investiga os sintomas do transtorno de personalidade *borderline* e sua relação com os sentimentos de medo, o comportamento de autocrítica excessiva e a auto aversão, sobre esta última afirma:

A auto-aversão corresponde ao sentimento de repulsa que atributos físicos, da personalidade ou do comportamento [...] *é um constructo multidimensional: a ativação defensiva [...], a cognitiva-emocional* (pensamentos e sentimentos de repugnância, crítica, desprezo, por exemplo, relativamente ao próprio), **a exclusão** [...]. No que concerne à natureza da auto-aversão, este estudo permitiu apurar que *memórias de ameaça e subordinação na infância tinham um impacto importante na auto-aversão, [...]* associada a níveis mais elevados de autocrítica, evitamento

---

<sup>11</sup> Na dissertação *O Impacto da Auto-aversão na Psicopatologia*.

experiencial, sintomas depressivos e ansiosos e vergonha externa. (p. 60- grifos nossos).

Assim, a auto aversão pode se configurar, sobretudo, pelo ambiente de hostilidade onde cresce um indivíduo, no conjunto de suas “memórias de ameaça” Guiomar (2015). Em similaridade, ao representar a memória traumática do racismo, a crônica “Revelações de cenas do cotidiano” elucida como as lembranças individuais do racismo repercutem na memória coletiva do grupo, sendo reconstruídas no cotidiano, a cada novo ataque ou pela possibilidade de os ataques acontecerem, denotando que “a dor do racismo transpassa todos os aspectos da vida social.” (LINS, 2019, p. 56). Denuncia, portanto, as violências direcionadas às vidas negras, mediante as relações de poder que permitem ao racismo gerar uma “dor indizível” (KILOMBA, 2019) que, muitas vezes, se condensa no corpo físico, ao chegar em um nível de sofrimento onde a pessoa já não consegue nomear, pelo recurso da linguagem:

[...] o sujeito negro, de fato, se sente fisicamente ferido, [...]. A necessidade de transferir a experiência psicológica do racismo para o corpo expressa a ideia de *trauma no sentido de uma experiência indizível, um evento desumanizante, para o qual não se tem palavras adequadas ou símbolos que correspondam [...]*.

[...]

À linguagem do trauma é, nesse sentido, física, gráfica e visual, articulando o efeito incompreensível da dor. [...] ilustra a violência traumática e a perda envolvidas na *experiência do racismo cotidiano*. (KILOMBA, 2019, p. 161 – grifo nosso).

Nesse sentido, a narrativa de Lins escurece o fato de que a branquidade, para além da ambição de manter um poder material e simbólico desenfreado, encontra nos seus atos racistas a vasão do seu desejo de agressão, colocando pessoas negras na posição de “objeto e aversivo” (p. 57). Essa agressão adoce as pessoas negras, conforme Tiburcio (2021) sobre um trabalho da Universidade de Harvard, que aponta quatro efeitos do racismo no cérebro e no corpo de crianças. Repostado no site *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, em 2020, o estudo assevera:

[Pessoas negras] expostas ao racismo desde a infância, poderão desenvolver sintomas como: 1. *Corpo em constante alerta*; 2. Mais chance de doenças crônicas ao longo da vida; 3. *Disparidades na saúde e na educação*; e 4. Cuidadores mais fragilizados e racismo indireto. (TIBURCIO, 2021, p. 9).

Assinado por Paula Adamo Idoeta, sobressai, no estudo, a confirmação de que pessoas negras podem desenvolver doenças crônicas devido a exposição de eventos severamente estressantes – nesse caso, o racismo, que deixa seus corpos em constante estado de alerta. Quadro similar representado na crônica em análise, onde a protagonista passa pela vida “tocada por uma ansiedade constante”, “um devir inacabável, [aterrorizada até mesmo por uma] possível agressão, fosse física ou psíquica, [...] inscrita em sua psique”. (LINS, 2019, p. 56). A

narrativa ficcional (re)apresenta fatos coletivos, que atravessam a biografia de numerosas pessoas negras.

Ao fim de suas seis páginas, a crônica em estudo apresenta também a via da resistência e da transgressão, pois, ainda que as relações de poder não sejam favoráveis aos censurados, há a continuidade de produção de suas memórias, chamadas por Pollak, conforme (RIOS, 2013) de “memórias subalternas” dos grupos marginalizados. Assim, na narrativa analisada, subentende-se essa via pelo questionamento e pela espera ativa em direção à mudança:

Há que se enxergar, genuinamente, sem o visgo do preconceito. Perguntar-se que narrativas abastecem os engendros da inspiração que os guia. *Quem interdita falas e evoca silêncios.*

[...]

Mas eis que vem chegando uma nova era e com ela o prenúncio da finitude de desqualificação das culturas afro-brasileiras. [...]

[...]

Um tempo de fortalecimento da nossa estrutura psíquica [...]. Em que, *conscientes* da nossa condição, *das implicações histórico-políticas, narraremos dores e glórias.* (LINS, 2019, p. 57 – grifos nossos).

Na transgressão do tempo, o texto de Lins abre espaço para o protagonismo e a importância da memória coletiva do grupo étnico formado por negras e negros, acentua-se, ainda, o *lugar de memória* (PEREIRA, 2014), da produção literária afro-brasileira e afrofeminista, que deve ser demarcado para a valorização dessas vozes e saberes. A crônica analisada, bem como a obra a qual pertence, inclui-se no rol da literatura afro-brasileira – por contemplar os cinco elementos elencados por Duarte (2008), os quais abordamos na segunda parte deste artigo; e, segue na trilha da ficção afrofeminista.

Nesta última, enquadra-se por tratar-se de uma escrita de autoria feminina negra, sobretudo, politizada, questionadora das opressões direcionadas à mulher negra – não limitada a representação de demandas femininas, mas sim, com fendas a abranger os vários atravessamentos que possam compor a existência desse grupo mediante a convivência com integrantes sociais diversos. A narrativa afrofeminista acena ao feminismo decolonial, em seu caráter de “antirracista, anticapitalista e anti-imperialista” (VERGÈS, 2020, p. 13). Consiste em (re)apresentar grupos historicamente discriminados, entretanto, com ênfase ao processo de autoconsciência sócio-histórica, apontando, conforme abaliza XXXX (2020), para uma abordagem ampla, e ao mesmo tempo feminista, afrocentrada e diaspórica. A escrita afrofeminista é uma estratégia de resistência, de sobrevivência e de cura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta análise, confirmamos que a história, a memória e a literatura são construções narrativas que podem se entrelaçar de formas diversas. A obra estudada, *Negras Crônicas*, demonstra substancialmente a forma como a ficção se dá a partir do real, ao enfatizar, por exemplo, a existência do racismo e de suas influências no cotidiano de crianças, homens e mulheres negras brasileiras.

Essa tônica é expressa desde o título da obra, que faz relação direta com o desenvolvimento do enredo. Os vocábulos “negras”, e “crônicas”, em conjunto com “escurecendo os fatos” remetem ao narrar crítico e atento de acontecimentos reais que entrelaçam o interior do trauma vivido, que vem à tona a partir das lembranças que compõem a memória traumática, representada por meio da narrativa. Dá-se, assim, legitimidade ao testemunho dos que sofrem tais opressões. Outrossim, denota uma direção à quebra do silenciamento imposto: é preciso escurecer os fatos, torná-los da cor de quem fala e para quem se fala, dado que é uma literatura elaborada por pessoas negras, e que se direciona a elas, ainda que não se restrinja o público.

Assim, vem à tona as realidades histórico-sociais e políticas desse grupo, que está no cerne na ficção afro-brasileira e afrofeminista. Especialmente no gênero crônica afro-brasileira, ganha ênfase as demandas sociais que, por meio de uma linguagem concisa, evocam temas sensíveis. Mediante essa literatura, fomentam-se reflexões sobre a necessidade de enfrentamento dos fluxos hegemônicos, o que contribui, portanto, para novas perspectivas de mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARROS, Sílvia. Carta de Recomendação. *In*: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras crônicas: escurecendo os fatos**. Rio de Janeiro: Editora Villardi, 2019.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, Prefácio. p. 89-99.
- CHARTIER, Roger. Literatura e História. **Topoi**, n. 1, p. 197-216, dez. 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/QZRqTbVVPF8H4sXPyrP4RQ7M/?lang=pt&format=pdf>; Acesso em: 5 ago. 2021.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, UnB, n. 31. jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/artigos/artigoeduardoassis2.pdf>; Acesso em: 16 jun. 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GUIOMAR, Raquel Nunes Rodrigues Miguéis. **O Impacto da Autoaversão na Psicopatologia**. 109p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de Coimbra. Portugal, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/319121/Disserta%20a7%20Raquel%20Guiomar.pdf>; Acesso em: 22 de nov. de 2022.

IDOETA, Paula Adamo (comp.). **4 efeitos do racismo no cérebro e no corpo de crianças, segundo Harvard**. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/4-efeitos-do-racismo-nocerebro-e-no-corpo-de-criancas-segundo-harvard/>. Acesso em: 08 mai. de 2020.

LINS, Valesca de Souza. Revelações de cenas do cotidiano. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras crônicas: escurecendo os fatos**. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019.

LINS, Valesca de Souza. Sobre a autora. In: **Conheça nossas autoras**. Rio de Janeiro, 24 de abril.,2020. Instagram: negrascronicaslivro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BXpU9xJSae/>; Acesso em: 22 de nov. de 2022.

LINS, Valesca de Souza. **IPCNBRASIL** (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras). *Celebração Literária*: "Minhas conversas florescidas no khat"- VALESCA LINS, 2021. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F-xD7I1kPpk>; Acesso em: 21 de nov. de 2022.

LINS, Valesca de Souza. **Meu texto também pode ser encontrado aqui nesta antologia linda "Parem as máquinas"**. Rio de Janeiro, 3 de dezembro, 2020. Instagram: valesca\_linss. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIWII2IJXA8/>; Acesso em: 20 de nov. de 2022.

LINS, Valesca de Souza. Sobre a autora. *Instagram*: valesca\_linss. Disponível em: [https://www.instagram.com/valesca\\_linss/](https://www.instagram.com/valesca_linss/); Acesso em: 18 de nov. de 2022.

LINS, Valesca de Souza. Sobre a autora. *Site*: @valesca\_linss. Disponível em: [https://linktr.ee/valesca\\_linss](https://linktr.ee/valesca_linss); Acesso em: 12 de nov. de 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Gizele. Brincadeira. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras crônicas: escurecendo os fatos**. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 269-284.

MENEZES, Sandra. Horror na serra fluminense, 2019. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras Crônicas: escurecendo os fatos**. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de autoinscrição. Estudos afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, 23, n. 1, 2001, p. 171-209. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci_abstract&tlng=pt); Acesso em: 01 mai. 2021.



MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Traduzido por Marta Lança. Portugal: Antígona, 2014.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS**, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314>; Acesso em: 09 de set. 2022.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2014.

RAMOS, Viviane Rodrigues Darif Saldanhas de Almeida. **A metamorfose de Cirilo: relações raciais e branquidade normativa na telenovela infantil carrossel**. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2640807](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2640807); Acesso em: 09 de set. 2022.

RICOEUR, Paul. Arquivo, documento, vestígio. In: RICOEUR, P. **Tempo e narrativa Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. p. 202-316.

RIOS, Daniel Fábio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, 2013, vol. 5, no1, p. 1-22. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>. Acesso em: 09 de set. 2022.

SANTOS, Margareth dos Anjos. Memórias de um racismo discreto ou não tão discreto assim. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras crônicas: escurecendo os fatos**. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019.

SANTOS, Jussara. Chuva branca. In: SANTOS, Ana Carolina Oliveira. et al. **Negras Crônicas: escurecendo os fatos**. Rio de Janeiro: Editora Villardo, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. *Revista PSIC. CLIN.*, Rio de Janeiro, vol.20, N.1, P.65 – 82, 2008.

TIBURCIO, Edleide dos Santos. **Racismo e primeira infância: o cabelo crespo e a construção da autoestima da menina negra**, 2021. Disponível em: [http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2021/01/tcc\\_edleide\\_dos\\_santos\\_tiburcio.pdf](http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2021/01/tcc_edleide_dos_santos_tiburcio.pdf); Acesso em: 22 de nov. de 2022.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VILLARDO, EDITORA. **Concurso cultural Negras crônicas**. Rio de Janeiro, 20 de agosto, 2018. Facebook: Editora Villardo. Disponível em: <https://www.facebook.com/Editora.Villardo/posts/1109066429244064/>; Acesso em: 20 de nov. de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS\\_DA\\_PLANTACAO\\_-\\_EPISODIOS\\_DE\\_RAC\\_1\\_GRADA.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf); Acesso em: 18 de jan. de 2023.

Recebido em: 24/07/2023

Aprovado em: 11/10/2023

*Publicado em: 09/04/2024*



10.29281/r.decifrar.2023.3a\_12